

A adolescência segundo S. Marquez

JÚLIO MACHADO VAZ * / MARIA SUSANA CARDOSO ** / SEVERIANO PINTO ***

O Amor nos Tempos de Cólera é um livro fascinante para um sexólogo e, ou muito me engano!, para qualquer psicanalista, se recordarmos que Freud indicava os poetas e os apaixonados como os grandes «especialistas» do amor. O romance de Garcia Marquez, retratando embora o amor situado numa época específica que não é a nossa, exemplifica magistralmente a intemporalidade de vivências e conflitos próprios de diversas fases do ciclo vital. Torna-se assim, e passe a heresia, um compêndio de luxo sobre a Sexualidade Humana, que permite, através dos indícios mais subtis ou das afirmações mais cruas, das linhas a traço grosso ou das entrelinhas apenas pressentidas, encarar um anfiteatro com a placidez de quem possui respostas no livro sobraçado. Porque, como tantas vezes se afirma em relação ao velho Eça, «está lá tudo». Incluindo a adolescência...

Há vinte e sete anos atrás, Blos também já escrevia sobre a adolescência. De um modo diferente, mas não menos apaixonante, diga-se. A adolescência era por si vista como a fase terminal do desenvolvimento psicosexual, o último degrau a subir rumo à maturidade genital. Mas um último degrau de uma longa escadaria! Concebida como a

adaptação psicológica às modificações pubertárias, a adolescência pressupõe antecedentes específicos na infância, nomeadamente um reforço egóico na fase de latência que permita enfrentar o choque pubertário, até nos seus problemas mais «simples»: a imagem corporal, a comparação com os outros membros do grupo ou a criação pelos próprios jovens de rituais de passagem que substituam regras caducas, mas que traduziam uma visão do mundo a preto e branco. Com tudo o que isso implica de tranquilizante — os bons de um lado e os maus de outro, a possibilidade de nos construirmos, basicamente, contra os outros que estão fora e não a partir de um diálogo interior, angustiante pela própria ideia de liberdade que pressupõe. A nível mais teórico, agradam-me sobremaneira três das formulações de Blos:

a) As semelhanças entre infância e adolescência, traduzidas pela existência de um Id forte e de um Ego relativamente fraco.

b) A equivalência do «Não» da criança e do «Não quero ser assim» do adolescente.

c) O sublinhar do longo caminho que vai da dependência do objecto até ao amor do objecto.

Desconfiar das chavetas é um hábito salutar. Insubstituíveis nas quarenta e oito horas que antecedem o exame, revelam-se de uma pobreza conflagradora quando aplicadas à vida que, teimosamente, se recusa a deixar enclausurar nos esquemas dos clássicos ou na linguagem binária dos

* Professor Auxiliar de Psicologia Médica do I.C.B.A.S.

** Psicóloga. Responsável pela Consulta de Sexologia da Universidade do Porto.

*** Psicólogo. Responsável pela Consulta de Sexologia da Universidade do Porto.

modernos. Com este pressuposto em mente, as fases da adolescência propostas por Blos valem pelo que são: pontos de referência valiosos pela descrição de processos de maturação inevitáveis, mas nunca sujeitos à ditadura do bilhete de identidade. Os professores, diga-se de passagem, sabem-no melhor do que ninguém, após anos e anos de navegação difícil entre «velhos» e «novos» sentados nas mesmas carteiras e com idades cronológicas semelhantes.

Para Blos, a pré-adolescência é caracterizada por um aumento da pressão pulsional sem que haja ainda um novo objecto, pelo que todo o tipo de experiência pode ser sexualizada, facto bem conhecido dos educadores sexuais que, sistematicamente, chamam a atenção, por exemplo, para a multiplicidade de estímulos não sexuais que podem ser acompanhados por uma erecção. O grupo é importante pela socialização da culpa que permite, mas o líder ainda não existe. Por outro lado, a atitude agressiva face ao outro sexo traduz a negação da ansiedade provocada pelo medo de tentar a relação. No início da adolescência esboça-se já a separação dos objectos primários de amor, acompanhada pelo aparecimento frequente da idealização do amigo do mesmo sexo, mas é na adolescência propriamente dita que o conflito se apresenta com toda a clareza ou, para utilizar uma expressão de Woody Allen, bem «focado».

Na adolescência propriamente dita assiste-se à revivência da problemática edípica numa situação «biologicamente possível» e que constitui a segunda oportunidade para a resolução do conflito. A separação dos objectos primários de amor pressupõe um trabalho de luto gradual que levará à experiência do amor pelo objecto não incestuoso. O caminho é longo e sinuoso e, nas suas fases iniciais, atravessa apeadeiros sem grande importância, por mais bela que seja a paisagem. Esses objectos variados, e a sua constante procura, traduzem um reforço do narcisismo e a tentativa de identificação ao Pai do mesmo sexo. Na expressão mesma de Blos, «As pessoas são mais representações de imagens do que pessoas». O amor ainda vem longe...

Mas não a paixão, essa experiência única em que o outro é «sacralizado» e a sua excessiva idealização pode levar a extremos que incluem o desinteresse pela saúde física e mental do próprio. Mais tarde, o desejo erótico complementar e dará autenticidade a esta fase platónica, mas as primeiras

escolhas estão longe de reflectir uma verdadeira liberdade de opção. O outro é escolhido em função das suas parecenças ou contrastes com a figura parental do sexo oposto ou da necessidade do jovem de provocar ou seduzir essa mesma figura, mas, em qualquer dos casos, a dependência é ainda clara. Quanto aos comportamentos, Blos faz notar que a experiência sexual por si só não implica a existência de novos objectos sexuais não incestuosos. Os casamentos precoces também não...

Nas fases de adolescência tardia e pós-adolescência assiste-se a uma consolidação do Ego e da identidade sexual, as identificações são irreversíveis e os papéis sociais bem definidos. A «reconciliação» com a figura parental do mesmo sexo traduz-se pela estruturação do ego ideal e a experimentação erótica dá-se com verdadeiros objectos de amor potenciais. À necessidade de ser amado junta-se a necessidade de amar.

Há muitos anos atrás, na Suíça, alguém dizia ao ver-me de Fenichel em punho: «Um bom resumo, mas leia Freud. Os originais são sempre melhores». A mesma sensação nos invade depois de alguns parágrafos roubados a Blos — tanta coisa ficou de fora! A masturbação adolescente como transição para o objecto ou como processo regressivo, a evolução de um Ego defensivo para um Ego essencialmente integrativo, as relações com o Ego Ideal, as determinantes ambientais e a sua importância em geral e no nosso tipo de sociedade em particular, o significado da adolescência prolongada... A comparação com as ideias avançadas por Erikson...

Aparentemente esquecido nas primeiras linhas, Garcia Marquez espera. Outros bem mais qualificados do que eu poderão escrever resumos dos resumos dos clássicos. A intenção destas páginas é apenas mostrar como a teoria saltita entre as linhas de um grande escritor e a sexualidade, sem ser tudo, espreita por todo o lado. Onde haja vida. E assim, reflectir sobre um livro como o de Garcia Marquez, não é apenas uma forma de prolongar o prazer da leitura, mas também de aprender algo mais sobre nós próprios. O que, no caso da educação sexual, é sempre meio caminho andado para ensinar os outros.

A ideia base do livro é de uma simplicidade inquietante — um homem vai esperar cerca de cinquenta anos por uma mulher, ou antes, pela sua mulher. O próprio título pode ser interpretado em vários registos, pois se a doença real é parte

integrante da narrativa, não é menos verdade que no fim do livro serve de pretexto e armadilha. Por último, e talvez mais importante, a mãe de Florentino Ariza afirma que o filho só sofrera de cólera porque «confundia a cólera com o amor, claro, desde muito antes de se lhe baralhar a memória». O amor apresentado como uma doença talvez fatal, seguramente infecciosa.

Florentino Ariza, filho de mãe solteira e de pai conhecido, mas não assumido, é-nos descrito como um adolescente modesto, tímido e dotado para a poesia e a música. As raparigas disputam-no e ele «brincava aos namorados com elas». A descrição do primeiro encontro com Fermina Daza não deixa dúvidas: Garcia Marquez diz-nos que «esse olhar casual originou um cataclismo de amor, que meio século mais tarde ainda não tinha acabado» e que «aos poucos e poucos começou a idealizá-la, a atribuir-lhe virtudes improváveis, sentimentos imaginários, e ao fim de duas semanas já só pensava nela». Aí está, magistralmente descrita, a paixão, que não o amor. O outro não existe enquanto objecto autónomo, dotado de características próprias, diferente. Por incrível que pareça, atendendo à violência das emoções em jogo, o outro é um pretexto, uma tela em branco à mercê das projecções do apaixonado.

Fermina Daza, nos seus treze anos órfãos de mãe, é-nos apresentada de um modo diferente: embora impressionada «pela aura de abandono que o envolvia», não sentiu «a mais leve perturbação até que a tia lhe fez ver...». Raramente as paixões adolescentes escapam à nostalgia ou aos lutos por fazer dos adultos e a mãe de Florentino e a tia/mãe de Fermina são bons exemplos disso. A primeira ensinando ao filho a arte de conquistar uma jovem e a segunda prevendo os acontecimentos, facilitando-os e vibrando com eles («... A tia Escolástica Daza tinha um instinto de vida e uma vocação de cumplicidade que eram as suas melhores virtudes, e só a ideia de que um homem se interessasse pela sua sobrinha provocava-lhe uma emoção incontrolável»). Dir-se-ia que o amor por procuração substitui a procura do amor.

E os dados ficam lançados: Florentino Ariza encontrou a mulher da sua vida enquanto Fermina Daza está presa «de uma curiosidade nova, mas, durante vários meses, nunca lhe ocorreu que passasse disso». A pouco e pouco, contudo, também ela se irá apaixonar. Não por ele, mas pelo amor.

A trajectória de Florentino Ariza faz pensar em Blos: A carta prometendo fidelidade e amor eterno, os problemas de saúde, a recusa face à prostituição («era virgem e não estava disposto a deixar de o ser sem que fosse por amor»), tudo se enquadra na descrição teórica. Florentino Ariza está em plena adolescência e aí permanecerá durante cinquenta anos, pois toda a sua vida se resumirá a uma longa espera. Não se pode falar de autonomia quando tudo acontece em função de qualquer coisa passada, que condiciona o presente e açambarca o futuro. Mesmo que essa «coisa» seja uma adolescente de olhos amendoados. Mas não nos adiantemos...

Na realidade, o pai de Fermina Daza encarregar-se-á de acrescentar o ingrediente perfeito para a sobrevivência da paixão: o interdito. A expulsão da tia e a longa viagem empreendida irão transformar uma paixão pelo amor em algo de muito mais sério, a saber, a erotização do conflito Pai-Filha.

No início tudo parece acontecer no registo do ódio puro — Fermina não fala, não perdoa, não esquece aquele amor tão provocatoriamente escolhido. E no entanto, durante a viagem, descobriu a liberdade e uma prima cúmplice; foi feliz. De tal modo que «uma noite regressou do seu passeio diário perturbada pela revelação de que não só se podia ser feliz sem amor como também contra o amor». A própria descrição que Garcia Marquez faz da descoberta da masturbação leva-nos a pensar que Fermina se prepara para uma adolescência «à la Blos». Subitamente, assustada com a vertigem de liberdade que dela se apossa, culpabilizada pela ambivalência pressentida face a um pretendente escolhido pelo pai, Fermina refugia-se no cimentar do compromisso com Florentino Ariza.

Os primeiros ventos de mudança vão sofrer sob a forma de um sonho. Nele, Florentino Ariza retira a própria face, que não passa de uma simples máscara, para se mostrar como realmente é: igual. Intrigada embora, Fermina não terá tempo para se debruçar sobre o significado do sonho. Com dezassete anos, pasma perante as modificações que presente em si. O pai fará o resto com «uma formalidade sacramental»: «Entrego-te as chaves da tua própria vida». A frase é transparente, as consequências também o serão.

As chaves da casa! Não as da porta, sonho de qualquer adolescente contemporâneo quando ouve, melancolicamente, a hora decretada para o regresso ao sábado à noite. As da casa! Cada gaveta,

armário ou dispensa passarão a pertencer-lhe, será «dona e senhora de um império de pó e teias de aranha que só podia ser resgatado pela força de um amor invencível». Talvez, mas não por Florentino Ariza. Quando corre a descobrir a cidade, tacteando um poder insuspeito, o homem na (da) vida de Fermina é o Pai. E o pobre Florentino vai ser rejeitado por, como Fermina dirá mais tarde, «ser a sombra de alguém que ela não tinha conhecido». Esse alguém não será Juvenal Urbino, pese embora a caterva impressionante de trunfos que exhibe — elegante, culto, rico, senhorial, desejado pelo pai. Juvenal será «apenas» o marido racionalmente amado. O lugar daquele alguém continuará vago, mas indisponível.

As limitações do espaço, que não do tema, obrigam-nos a um «pequeno salto» de cinquenta anos. É pena. Seria apaixonante descobrir com Fermina o «amor doméstico» e perguntarmo-nos, também, se o outro amor será indispensável. Acompanhar a sua iniciação sexual com o «primeiro homem que ouviu urinar» e a longa aprendizagem das rotinas, dos tiques, da necessária «invenção do amor». E Florentino... Deixá-lo guiar-nos pelos inúmeros «quartos do coração», vê-lo dobrar com assustada teimosia o cabo dos quarenta, identificar-se ao pai, envelhecer com «a saúde de ferro dos adoentados». Fica para outra(s) vez(es).

Fermina viúva, Florentino Ariza não se limita a apresentar condolências — junta-lhes uma disponibilidade que não conheceu hesitações. Agastada embora, Fermina vai verificar, a pouco e pouco, que ele a invade com uma ternura paciente que a idade trouxe sem expulsar a paixão. Um namoro enganadoramente plácido se estabelece, feito de cartas «maduras» e chávenas de chá, a intimidade é feita de pequenos nada.

E eis-nos chegados à viagem fluvial que encerrará o livro. Duas páginas antes, Fermina Daza já chamou a atenção do leitor para certas semelhanças entre as atitudes sociais face à adolescência e à velhice, deixando bem claro que não tenciona sofrer-lhes de novo os efeitos («Há cem anos, cagaram-me a vida com esse pobre homem porque éramos demasiado jovens e agora querem-no repetir porque somos demasiado velhos»). Seguramente não poderia ser o rio a uniformizar dois estilos tão diferentes — Florentino Ariza continua a ter dificuldades em controlar o romantismo que os anos e as outras mulheres

deixaram impávido, Fermina Daza, reconhecendo embora o seu, cultivava ainda uma placidez enganadora.

No caso dele, torna-se fascinante apercebermo-nos de que parece ter materializado a velha ambição popular de «ser novo e saber o que sei hoje». O tacto da aproximação, a naturalidade face às negações iniciais de uma erecção igualmente vulnerável ao «amar demais ou de menos», o desprante carinhoso (ou verdadeiro?) com que se afirma «virgem para ela», tudo parece indicar um jovem coração vestido de velhas rugas e pronto para a «embriaguez das carícias sem o estorvo da exasperação». Seria, contudo, injusto por parte de Florentino suspirar por uma juventude nunca perdida ou ultrapassada, pois, afectivamente, ele é novo. De todas as mulheres percorridas e docemente aprendidas, apenas uma o poderia ter forçado a abandonar a campânula da sua longa espera — América Vicuña, a adolescente sem rugas a quem ensinara meiga, e distraidamente o amor, sem se dar conta das consequências. A teimosia silenciosa que veste a morte de América não deixa dúvidas a Florentino Ariza sobre a doença, também ela morreu de cólera, feita de ciúme e abandono. Porque descobrira o amor para além da arte de amar. Hipnotizado pelo sonho, escondido pela idade cronológica, Florentino não se apercebera do que nos dois se passava e por isso só demasiado tarde «se fechou na casa de banho e chorou à sua vontade, sem pressa, até à última lágrima. Só então teve a coragem de se confessar o quanto a tinha amado».

Também Fermina deve ajustar algumas contas com o passado, «que fazer com o amor que lhe havia ficado sem dono?» Perdida na «ansiedade de compreender», as dúvidas reinam. «É incrível como se pode ser tão feliz durante tantos anos, no meio de tantas tretas, caramba, sem saber de facto se isso é amor ou não». Fermina faz o luto pelo «amor oficial» do marido e por um modo de estar na vida baseado na razão, pois se Florentino utilizou a adolescência para sobreviver ao mundo adulto, ela acreditou sinceramente que o atingira sem problemas de maior. De um lado a fixação, do outro o curto-circuito e um falso *self*, em ambos os casos a adolescência por resolver.

Resolvê-la-á o rio? Não afirma Garcia Marquez que «fizeram um amor tranquilo e são, de avós maltratados»? Três linhas abaixo a resposta: «Era como se tivessem saltado por cima do árduo calvário

da vida conjugal e tivessem entrado directamente e sem mais delongas no amor». As consequências práticas tira-as Garcia Marquez com a resposta límpida de Florentino Ariza à pergunta (assaz vernácula) do capitão sobre quanto tempo pretendia manter-se no barco, subindo e descendo o rio — «toda a vida». E por trás do verbo genial, dos avós maltratados e do capitão grosseiro e ternurento, do navio arquejante e do rio interminável, perfila-se a história da nossa infância — Peter Pan. A Terra do Nunca. Seguramente menos infantil do que a de Walt Disney porque mais erotizada, mas semelhante nos seus traços fundamentais, a suspensão do tempo e a recusa do quotidiano.

Dir-nos-ão que o romance de Garcia Marquez pode igualmente ser interpretado de outras maneiras, mirado pelo prisma do casamento, da velhice, dos costumes de uma determinada época histórica. E por que não? A sua riqueza tudo isso permite, a escolha dependerá da motivação de quem escreve, Garcia Marquez poderá depois sorrir, complacente, face às mil e uma maneiras como a sua verdade se pode articular com a dos outros. Uma coisa é certa — Florentino Ariza e Fermina Daza continuarão no seu eterno vai-vem, rio acima, rio abaixo. Rindo, travessos, de uma velhice amuada, por reduzida às suas prerrogativas físicas. Como se Peter Pan se divertisse coleccionando rugas para melhor nos enganar e seduzir, a nós, ansiosos por acreditar que o amor e a Terra do Nunca são possíveis ao virar da esquina. Ou da página.

BIBLIOGRAFIA

- Blos, P. — *On Adolescence, A Psychoanalytic Interpretation*. The Free Press. New York, 1962.
García Márquez, G. — *O Amor nos Tempos de Cólera*. Publicações Dom Quixote Lisboa, 1987.

RÉSUMÉ

Les auteurs rappellent quelques-uns des points fondamentaux de la théorie du développement soutenue par Blos. Le livre de Garcia Marquez est pris comme un exemple remarquable de situations et conflits typiques de l'adolescence. En plus, on souligne la richesse de l'oeuvre citée dans plusieurs domaines de La Sexualité Humaine et son utilité pour un enseignement plus proche de la vie du jour à jour.

ABSTRACT

The author begin by describing some of the main psychological event considered by Blos as fundamental to human development through adolescence. The book by Garcia Marquez was chosen to exemplify some of the typical situations and conflict of adolescence. It is underlined the fact that the genius of Marquez produced a masterpiece that would allow multitude of insights of several aspect of Human Sexuality.